

BOOK REVIEW

RESENHA DE LIVRO

SCLIAR, Moacyr et. al. Saúde Pública: histórias: Políticas e revolta. coleção Mosaico - Ensaios e Documentos. São Paulo: Ed. Scipione, 2002. 204 p.

Samuel do Carmo Lima

Prof. Dr. do Departamento de Geografia - UFU

O livro "Saúde Pública: histórias: Políticas e revolta" é uma coletânea de textos da coleção "Mosaico - Ensaios e Documentos" da Editora Scipione, que objetiva a promoção, não do aprofundamento dos assuntos, mas do gosto e do prazer da leitura de quem está se iniciando no tema. Há três ensaios de Moacir Sciliar,

O primeiro, "o cólera nos tempos do sultão", conta como Maimônides (1135-1204), filósofo judeu, nascido em Córdoba na Espanha muçulmana, teve que fugir da perseguição aos cristãos e aos judeus, indo para Fostat, perto do Cairo. Lá se tornou médico e ganhou fama. Foi então convidado a ser médico do também famoso Sultão Saladino. Durante uma epidemia de cólera no palácio do sultão, Maimônides se intrigava com o fato de que dentre os serviçais do palácio, centenas deles estavam adoecendo. Entretanto, alguns não adoeciam, incluindo-se o próprio Saladino. Investigara a lista de pessoas que adoeciam de cólera e relacionou com as fonte de água usada por elas, concluindo que os que se abasteciam da cisterna da cidade eram os que adoeciam, diferentemente dos que se abasteciam da cisterna do palácio. Ao fim, o próprio Saladino foi vitimado nessa epidemia. O ponto alto dessa estória é que essa "pesquisa epidemiológica" se deu quase setecentos anos antes de John Snow inventar a epidemiologia e descobrir que o cólera é uma doença de veiculação hídrica.

No segundo, em "pequena história da epidemiologia", o autor apresenta a epidemiologia desde hipócrates, passando por Ignaz Semmelweis, Edwin Chadwick e John Snow, considerado o pai da epidemiologia moderna. Faz referências também à Pasteur com o desenvolvimento da microbiologia e ao seu discípulo brasileiro Oswaldo Cruz. Chega ao Século 20, falando dos centros importantes da pesquisa epidemiológica, John Hopikins School of Hygiene and Tropical Medicine, nos EUA e a London School of Hygiene and tropical Medicine, na Inglaterra. Para falar da relação entre a Epidemiologia e a Estatística, lembra que os Epidemiologistas já foram chamados médicos que contam.

No terceiro, "políticas de saúde pública no Brasil: uma visão histórica", Scilar apresenta a história da saúde pública no país, a partir do Brasil Colônia, quando, inicialmente, a população só tinha a pajelança, com ritos mágico-religiosos e ministração de remédios naturais à base de ervas e outras substâncias, o que obviamente não era reconhecida pelo governo colonial. Os Jesuítas também tratavam os doentes e, mais tarde vieram os físicos (os médicos da época). Surgiram as Santas Casas de Misericórdias para albergar os doentes que estavam à morte. As escolas de medicina surgiram no século 19 e a fiscalização do exercício profissional dos médicos e a intensificação do combate ao curandeirismo. Neste tempo havia a fiscalização sanitária que fazia papel de polícia. Também vieram as grandes epidemias de febre amarela, malária e outras parasitoses. Um marco importante é a criação da Diretoria Geral de Saúde Pública, em 1897... Aí vem Oswaldo Cruz, Instituto Manguinhos, Arthur Neiva, adolfo Lutz, Carlos Chagas... e segue pelo século 20 relatando as principais marcos da saúde pública no Brasil, até chegar no SUS.

Ainda, há um ensaio de Marco Pamplona, "a revolta era da vacina?" que apresenta a convulsão

social do Rio de Janeiro de 1904, como expressão da manifestação popular de cidadania contra o autoritarismo. As medidas de saneamento e higienismo, assim como as campanhas de saúde e de vacina impostas de maneira autoritárias sobre os pobres e miseráveis eram contestadas, não por si mesmas, mas pela truculência e autoritarismo do governo em implantá-las. Esse texto nos faz lembrar que a luta por cidadania que temos hoje já a muito era enfrentada por nossos concidadãos daquela época e, até bem antes desse tempo.

Miguel Ângelo Thompson Rios escreve sobre as “principais doenças endêmicas do Brasil: aspectos epidemiológicos. O autor começa comparando as epidemias à moda que aparecem e desaparecem, para reaparecer mais adiante, como resultado do desequilíbrio entre parasita e hospedeiro. Descreve o ambiente tropical como sendo rico em biodiversidade, também de microorganismos mas não imputa a eles o causa para que o homem tropical seja um “doente crônico”, mas à pobreza, a fome a ignorância, a falta ou a precariedade de assistência médica e hospitalar. Em seu dizer “essas condições sociais negativas constituem importantes fatores na prevalência das doenças em zonas tropicais”. Considera também os fatores ambientais das altas temperaturas e da umidade do ar que favorecem a proliferação dos vetores e das doenças endêmicas infecto-parasitárias: malária na Amazônia; doença de chagas, principalmente nos estados do sudeste, nordeste e Goiás; a leishmaniose tegumentar, em zonas rurais do norte de Minas Gerais, na Amazônia; a leishmaniose visceral em Minas Gerais e, principalmente nos estados do Nordeste; a esquistossomose nos estados do nordeste e norte de Minas Gerais; a febre amarela, que já foi urbana e hoje é silvestre, principalmente na Amazônia, com surtos epidêmicos nos estados do Maranhão, Goiás, Mato Grosso; e a dengue que assola todo o Brasil, com menos intensidade nos estados do sul. O autor conclui dizendo que, embora as condições naturais favoreça a ocorrência de muitas doenças, a sua incidência é decorrente, principalmente, de condições relacionadas com as políticas de saúde e a economia.

O texto de Maria Helena Soares de Souza “como são quantificadas as ocorrências epidemiológicas” descreve como em meados do século 19, John Snow usou a estatística para descobrir a origem da epidemia de cólera em Londres e Edwin Chadwick, relacionado condições de vida e mortalidade foi decisivo para a implantação de medidas de saneamento ambiental nas cidades da Inglaterra, sendo os pioneiros na aplicação da estatística aos estudos de saúde. Depois, a autora explica o que é o método estatístico e como se deve aplica-la nos estudos epidemiológicos, desde a amostragem, coleta de dados, organização dos dados em tabelas, gráficos, aplicação de medidas de posição e dispersão e, também, correlação e índices (relação entre variáveis).

Vale a pena, pelas histórias e pela leitura agradável.